

ASSIS, Cássia Lobão; NASCIMENTO, Robéria; FECHINE, Ingrid. **Tecendo os fios de saberes convergentes**: escrita, educação e memória. Campina Grande: EDUEPB, 2013. ISBN 978-85-7879-150-6

MUNDO CONTEMPORÂNEO COMPLEXO EXIGE CONHECIMENTOS DINÂMICOS E INTERDEPENDENTES

Francis Musa Boakari

Minicurrículo

Graduação em Ciências Sociais / Sociologia, *University of Iowa*, Estados Unidos da América. Graduação em Estudos Religiosos, *University of Ibadan*, EUA. Mestrado em Psicologia da Educação, *University of Iowa*, EUA. Doutorado em Sociologia da Educação, *University of Iowa*, EUA. Pós-doutorado na área da Educação para a Diversidade, *Auburn University*, Auburn, Alabama, EUA. Foi Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais (DCS), Área de Sociologia, Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí. Entre 2002 e 2008, atuou no *Interdisciplinary Ph. D. Program International Education & Entrepreneurship Concentration, University of the Incarnate Word*, San Antonio, Texas, EUA. Em 2009, retorna à UFPI, reconcurado como professor Adjunto do Departamento de Fundamentos da Educação, atuando nos Cursos de Pedagogia, Mestrado e Doutorado em Educação. Possui experiência na área de Sociologia da Educação, trabalhando principalmente com os seguintes temas: cultura-história africana; afrodescendência e educação, as diásporas; ações afirmativas; globalização; assistência internacional.
e-mail: musabuakei@yahoo.com

Hoje, mais que do que antes, as realidades de um mundo globalizado se concretizam localmente em termos de ênfase no cotidiano da vida humana. O mundo pode ser global, mas é o local que sustenta tudo. São estes mesmos fatores do local que servem de pontos de partida e portos de chegada para tudo o que as pessoas ainda fazem, assinalando valores de toda natureza aos fenômenos envolvidos. Do local, se interage com o global a fim de ser realimentado para nutrir as realidades locais cotidianas com o novo-velho, o novo que se fundamenta naquele que era e continua sendo porque seus significados ainda são julgados relevantes. Há necessidade permanente de ligar e religar, e porque não desligar também as duas realidades uma vez que elas são complexas, interdependentes e em fluxo constante? Para responder a tal responsabilidade da maneira mais eficaz como ser humano, profissional e sujeito social contextualizado, o indivíduo tem que estar instrumentalizado; precisa ser competente no domínio dos recursos básicos exigidos; ler o mundo com eficiência e se comunicar com ele por meio de linguagens contextuais.

Em “Tecendo os fios de saberes convergentes: escrita, educação e memória”, as autoras fornecem observações importantes sobre a problemática. Fazem isto em textos com ideias e posicionamentos ligados de modo umbilical. Conseguem mostrar sua competência como cientistas capazes de tratar questões complexas de maneira interdependente evidenciando que discussões em torno das categorias de suas pesquisas podem ser intermináveis, mas podem ser abordadas compreensivamente porque não há respostas conclusivas, mas indagações que nutrem aproximações com realidades contextualizadas, embora fluidas. Desta maneira, argumentam e tentam ensinar que o mundo atual abriga complexidade cuja compreensão é necessária a fim de humanizá-lo tanto quanto possível. Utilizar bem os instrumentos da comunicabilidade humana é essencial. Para tanto, é possível e aconselhável adquirir certas competências, atitudes e comportamentos. Vivências da atualidade enraizadas em práticas do passado podem servir de aliadas no saber-fazer e criar-realizar que estão em voga nos dias de hoje. Isto é, empregar bens sociais de outras épocas para enriquecer o existente rumo ao advir do novo que liga o passado ao presente.

No primeiro capítulo do livro, Cássia Lobão Assis argumenta que profissionais relevantemente educados (ou são eles formados / treinados?), em particular, no tratamento para com a palavra e as palavras nas formas escritas, podem servir de elos imprescindíveis para informar as pessoas sobre a necessidade de humanizar as sociedades humanas e educar em relação ao seu encaminhamento mais profícuo. O capítulo *Uma tessitura do cotidiano...* apresenta, explica e problematiza fenômenos, como escrita, letramento, psicolinguística, sociolinguística, mitos da escrita, concepções da linguagem, não neutralidade e historicidade das linguagens, “formação” de jornalistas, objetividade na produção jornalística e outros elementos semelhantes, aproveitando as contribuições de autores estrangeiros e nacionais como Foucault, Morrison, Vgotsky, Chartier, Soares, Gardner, Bakhtin, Bourdieu, Geraldi, Kock, Kuhn, Derrida, Ferreiro e Pinto.

Com o suporte desses teóricos, Cássia Lobão Assis consegue transmitir lições vitais sobre escrita, historiografia e alguns dos desafios que a escrita apresenta para a pessoa consciente e crítica. As relações entre escrita (como resultado de uma alfabetização exitosa) e letramento (como leitura da realidade) constituem um dos pontos-chave tratados. A autora também provoca reflexões críticas sobre a linguística e estimula questionamentos instigantes que elucidam os desafios na preparação de jornalistas relevantes para um mundo fluido “[...] tendo em vista a pluralidade dos sujeitos envolvidos, [e] [...] novos espaços de circulação da materialidade jornalística [...] na ambiência cultural contemporânea” (ASSIS, 2013, p. 56). Tudo em nome de uma vocação social e

responsabilidade ética do jornalista (e outros profissionais) que precisa dialogar, cada vez mais, com pessoas de universos diferentes.

A segunda autora, Robéria Nascimento, desempenha seu papel no “cotidiano docente” de apresentar-explicar-dialogar-orientar, com lucidez, questões no tocante à educação que “[...] implica reconhecermos a impossibilidade de homogeneizar os sentidos do campo educacional como se os diversos modos de aprender fossem vinculados apenas ao ambiente escolar” (2013, p. 61). Concentra-se na educação escolar, mas, em nenhum momento, deixa por menos outras formas de entender e desenvolver esta prática sempre vital em qualquer sociedade. Discute argumentos e oferece explicações didáticas sobre o lugar “[...] de uma educação para além da escola, capaz de produzir uma democracia cognitiva, norteadas por atitudes essenciais que, no nosso entender, formatam a metacognição humana: o aprender a aprender e o reaprender a pensar” (NASCIMENTO, 2013, p. 62).

Robéria Nascimento lança mão do marco teórico moriniano (Edgar Morin) para argumentar em favor de projetos de educação emancipatória, a educação freiriana para a liberdade; práticas transdisciplinares em favor de pensamentos multidimensionados porque não há “puras certezas” ou “certezas puras” (p. 68). As concepções kuhnianas (Thomas Kuhn) e morinianas de paradigma científico abrem caminhos para fazer ciência como atividade humana em que pessoas não cansam de incorporar uma diversidade de conhecimentos e saberes multifacetados das realidades em movimento cujos sujeitos também possuem dinamicidade inesgotável, muitas vezes, com espíritos aventureiros em nome de um projeto educacional. Não é somente “formar” a pessoa, mas é preciso responder com consciência à pergunta – Que tipo de ser humano nossa educação vai ajudar “formar”, educar, treinar, produzir e integralizar? Uma resposta baseada em leituras de uma ciência clássica, excludente, determinista e positivista não satisfaz os anseios destacados. É urgente adotar perspectivas que evoquem pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade numa “sociedade aprendente” (p. 90).

Todos os espaços são lugares onde as pessoas podem atuar como agentes educacionais, uma vez que a educação é processo em aberto, um produto em construção continuamente contextualizada. A autora, em *Fios e tramas de sentidos na tessitura de uma educação transdisciplinar*, aponta Gaston Bachelard como responsável por um dos primeiros passos para a transdisciplinaridade, perspectiva paradigmática para os tempos de complexidades reconhecidas como privilégios educativos; reinventar novos modos de sentir, agir, pensar, se expressar, ser e estar com outras pessoas.

O desenvolvimento e aplicação de várias competências sociais em contextos mais apropriados continuam como desafios. Profissionais do campo da educação precisam desenvolver a consciência de que a instituição formadora funciona em prol do profissional professor; e é este que se desenvolve para se tornar educador. A pesquisadora apresenta explicações e justificativas da necessidade da escola não só ensinar conhecimentos acumulados, mas apoiar a construção de disposições para continuar aprendendo a aprender.

O capítulo de Ingrid Fechine, *Escritura da renda renascença: memória de rendeiras, brasão do saber-fazer* (2013, p. 105-139), apresenta poesias próprias para introduzir-discutir a problemática das ligações entre memória, práticas socioculturais e educação como atividade que trata de saberes e fazeres. Como estratégia para uma didática eficaz, a docente-pesquisadora da área de comunicação social desenvolve a discussão, usando tópicos: tecendo os primeiros fios (p. 105); entrelaços de conhecimentos (p. 108); ensinar e aprender o saber-fazer das rendeiras (p. 115); ensino, capacitação e prática de vida (p. 123); novas formas de render: tradição e modernidade (p. 130); e tecendo algumas considerações” (p. 134). Através das categorias destes elementos, Fechine evidencia que a renda do estilo em questão registra experiências, histórias, realidades, demarca territórios e desmancha fronteiras de espaço e tempo; divisórias entre culturas e povos que são reunidos no saber-fazer com fins identitários e econômicos; comprovação do entrelaçamento produtivo de conhecimentos, de saberes novos e renovadores; registro de identidades formadas e em construção como projetos coletivos e individuais; resgates em busca de ressignificações; a educação não sendo mais como poupança, mas como atividades de desconstruções, reconstruções e ligações entre diversos saberes. Uma ecologia de saberes está em falta e para ajudar repensar o conceito do saber, a cultura adquirida tem que estar em sintonia com a das vivências do glocal (global e local). Neste empreendimento contemporâneo, a tradição nas suas formas diferentes precisa ser aproveitada e reaproveitada com criatividade usando inteligências individual e coletiva.

Memórias, histórias, identidades, culturas, tradições e cotidianidades de um grupo são fontes de informações do período atual e do passado. Ligar e religar tais elementos para viabilizar a leitura das realidades em nome de uma humanidade mais bem informada é dever cidadão. Das rendeiras participantes das pesquisas em questão, a professora indica 10 saberes para o saber-fazer renda renascença. São eles: gosto, vontade, inteligência, interesse, criatividade, curiosidade, concentração, paciência, habilidade e dom. Hoje, as

condições que motivam as rendeiras são idênticas às pessoas da academia e de profissões liberais? Características como a humildade científica, disposição para enfrentar desafios novos no campo cognitivo e sucesso em tratar participantes da pesquisa social como pesquisadores também fazem parte destes fatores?

Para discentes e docentes das áreas de comunicação social, pesquisa científica, alfabetização e letramento, epistemologias, estudos culturais, fundamentos pedagógicos, métodos e técnicas da educação escolar e dos movimentos sociais, há muito que aprender em “Tecendo os fios de saberes convergentes: escrita, educação e memória”. Além de disponibilizar informações de cunho científico, a coletânea também problematiza questões acadêmicas e demonstra que o mundo contemporâneo é desafiador, mas repleto de oportunidades para aprender individual e coletivamente do presente, passado e futuro como realidades diversas e interconectadas, complexas e explicáveis.